

Morgan sugere "sistema realista"

Em extensa análise da economia brasileira, o Banco Morgan Guaranty Trust elogiou o Plano Cruzado como maneira de deter a inflação, mas disse que não é razoável pensar que o País possa pagar sua dívida externa tal como está estruturada. Para tanto, sugeriu uma consolidação da dívida e uma estruturação dos pagamentos de forma mais realista, que possa ser cumprida, levando

em conta a crescimento das exportações brasileiras.

O banco dedicou onze páginas de sua publicação World Financial Markets à análise da economia brasileira e disse que o entusiasmo pelo Brasil aumentou desde fevereiro, quando foi adotado o Plano Cruzado, "para deter o caminho em direção à hiperinflação". E acrescentou que o Plano "até o momento produziu maravilhas".

Quanto à dívida externa, o Morgan Guaranty Trust disse não ser provável que "os mercados financeiros internacionais venham a declarar amanhã que o Brasil possa voltar para os mercados voluntários de crédito", mas indicou que essa meta "está certamente próxima".

Em consequência, o banco considerou que seria aconselhável que o Brasil, "para transmitir a confiança necessária entre os in-

vestidores estrangeiros potenciais, solucionasse suas diferenças pendentes com seus maiores credores e começasse a aliviar a carga de sua dívida".

O banco destacou o fato de o Brasil ter de enfrentar grandes pagamentos nos próximos anos. Recentemente foi assinado um acordo com os bancos, reestruturando em sete anos US\$ 6,5 milhões de vencimentos de 1985. "Contudo, US\$ 9,5 bilhões foram adiados só por um ano e não houve modificações no restante das obrigações, que vencem a uma média de US\$ 10 bilhões por ano durante 1987/89."

"De acordo com qualquer média razoável, esse plano de vencimentos não pode ser pago", diz o relatório do Morgan Guaranty Trust.

O relatório acrescentou que a primeira prioridade deve ser dada à consolidação das dívidas com os dois

principais grupos de credores: os bancos comerciais, com US\$ 67 bilhões e as agências de crédito e assistência dos países industrializados, com as quais o País tem dívidas a médio prazo de US\$ 11 bilhões.

"Uma consolidação sensata criará um perfil de obrigações a longo prazo, em cujo cumprimento, pelo Brasil, os mercados financeiros podem confiar", disse o artigo para acrescentar que tal plano de pagamentos "terá uma relação mais estreita com a finalização, em perspectiva, de projetos: diversos, e com o crescimento das exportações, do que a escala de pagamentos em vigor."

Ao final, o banco assinalou que a consolidação também poderá fazer com que o Brasil consiga juros mais baixos para dívidas anteriores, contratadas com cargas de risco ou "spreads" de quase 2% sobre a taxa interbancária de Londres, Libor. (UPI)